

O “Out” “In”

Por que estar aqui,
me pergunto, quando
há tantos horizontes?

A resposta é que não
há aqui.

Sequer há razão para
o momento;

então eu me insiro em
mim, como se fosse
um contexto atípico.

Vagamente vagueio
por mim mesmo,
fora de forma,

completamente “out”.

Curioso é que estou
totalmente dentro
de mim.

A Montanha e o Cais

Da infância trago quimeras,
do passado minas generosas;
há uma pergunta no ar
que não sei responder.

Talvez mereça quimeras,
quicá, Deus sabe, Minas Gerais.

Talvez meu mundo-montanha,
nascido longe do mar,
esteja a procura de um cais.

A Tarde

Brasília ressona
neste domingo insosso.

Brasília insossa,
avessa, faz do vício
do sono da sesta,
a culpa maior
do domingo insosso.

Uma preguiça
atiça em mim
a tarde improdutiva,
o tempo perdido,
como se a vida
esperasse.

Apenas minha
caneta trabalha
o papel, amarelo
como a tarde
de domingo.

A Música e o Músico

Busco acordes que não

sei,

canções inesperadas.

As chaves mais absurdas

se perdem em minhas

partituras.

E o músico em mim,

comete música.

Vida Miope

Era uma vez um
verso vesgo.

Um verso que mais
parecia o reverso
do verso,
algo assim como
a dissonância
do avesso.

O verso vesgo via
distorcidamente
as miopias da
vida.

A vida era míope.

Os Pés

Amava admirar os pés femininos
em sandálias que
emanavam sexo.

As mulheres enfeitavam
os pés e os expunham,
descaradas.

O poeta recolhia-se
em si e imaginava
o impossível.

A Platéia

O mago mentiu
(mentia sempre).
Enganou com
truques a platéia
atônita;
a platéia
(vá entender!)
pagava para
ver mentiras.

O Candidato

Era assim, um cartaz
pregado no muro.

Era a mistura de
carne e muro,
de vez em quando
faixa, discursos,
palavras.

Distribuía sorrisos
e uma mentira que
jorrava
em perdigotos.

Às vezes idolatrava
microfones.

Se eleito, plantaria
a bunda numa
cadeira de couro
do Congresso Nacional
e exercitaria
bananas para o povo.

Assim mesmo, como todos fazem.

Exercício

De repente, me dá na telha,

não vacilo:

faço um milhão de poemas.

Ao poemar

me espalho pelo mundo

adimensional:

não há limites,

não há medidas,

não há indicadores.

Então constato, sem receio,

que escrever poemas

é exercitar a liberdade.

Veia Caipira

Cê já ouviu viola tocando?

Se não ouviu, procure ouvir.

O som da viola, puro,

cristalino, decompõe

a beleza das coisas mais simples.

Quando ouço seus acordes,

minha veia caipira salta.

Então joga para o alto

diploma, títulos,

e sinto, no fundo do peito, o tempo

perdido nos escritórios da vida,

sensação de perda.

Fecho os olhos e vou pra

Minas: caipira, fogão a lenha,

chapéu de palha, broa de fubá.

Questionamento

Começa o dia,
de novo insisto,
o novo arrisco,
que riscos
o dia trará?
Sobreviverei ao dia,
aos impactos do dia,
vale a pena insistir?
A resposta vem clara,
positiva, cristalina.
Vale aventura,
vale estrepolia,
vale correr os riscos
de todo dia.

A Cabeça do Presidente

A cabeça do presidente
tem teses de doutorado,
argumentações bem preparadas
e um QI privilegiado.

Todas as noites descansa,
com a irreverência dos gênios,
os sonhos que ajudou
a destruir.

(Des) Descoberta

Existe o Brasil?

Será que existe?

Ultimamente já

não se sabe se

existe esse país

dos trópicos.

O torrão do povo

sem heróis,

continua a enfeitar

os mapas.

Mas é só.

O Brasil mesmo

não existe mais.

Minha vida
cartesiana, de
abscissas e ordenadas,
faz de mim
um perfeito idiota:
um dia me mato
de trabalhar,
outro gasto
meu tempo com
o inútil.
Sinto-me linear
e obtuso.

Rodeio

Os títeres que
cavalgam
mangalargas bravios e
touros enfurecidos,
envergam com orgulho
seus fivelões de prata
e seus chapéus de
“cowboy”.

Lá de cima,
escondido no
palco, seu mestre
os manipula,
enquanto conta
dólares e
lucros a galope.

E os caipiras
do passado
acham que
estão abafando.

Leilão

E lá se vai mais um

pedaço do Brasil.

Deputados, senadores,

ministros e o presidente

da república estão felizes e

materializam cifrões.

O povo, bem, o povo

é só um pequeno detalhe.

Recado

De que adianta
cantar o hino,
se o seu desejo
é mesmo
entregar seu
país?

De que adianta
a bandeira,
se tudo o que
você quer
é encher
os bolsos?

Talvez sua
vida tenha
um propósito.

A minha,
como povo,
é que deve
continuar
como sempre

esteve:

emocionando-me

com o hino,

reverenciando

a bandeira.

E dando meu

sangue para

adubar suas

orgias.

O Martelo do Leiloeiro

Você já parou para pensar
o que é leiloar um país?
Um homem abre envelopes,
lê ofertas,
a cada batida do martelo,
parte do país se vai.
Junto vão o passado,
as coisas que se construiu,
as histórias e as ações.
Quem dá mais? —
Diz o homem do leilão.
Um bando de estrangeiros
sorri, oferecendo cifrões.
Provavelmente, em um
canto qualquer do cenário,
alguém observa,
ainda mais satisfeito,
imaginando seus bolsos,
lotados de um patriotismo
em dólares.

Água

A fonte jorra água mineral.

Longe, de Brasília, imagino
a fonte.

A água jorra, gasosa,
levando a vida adiante,
Caxambu deixa passar
sem perceber.

As Manhãs Mais Lindas

Lembro o pasto,
a neblina,
o sol tentando
vazar seus raios
através da neblina.
Minha lembrança
repousa na fazenda,
enquanto as manhãs
mais lindas
me espreitam.

Povo de Brinquedo

Não sei o que pensa meu povo;
talvez, quem sabe,
nada de novo.

Meu povo, o mais simples
do mundo,
é o povo da televisão:
fala por bocas que
não são dele,
pensa por mentes que
não são dele.

Meu povo é o caipira
do sul de Minas,
manipulado pela mídia,
falando com sotaque
do Rio de Janeiro,
sufocando trens e uais.

Trago vento nos
cabelos,
idéias mil
na cabeça,
canções guardadas
no peito,
pra que você
não se esqueça
que dentro
de mim
tudo é seu:
vento, idéias e
canções,
e um amor dos
mais ousados
que este
mineiro
lhe deu.

Seca Brasília

Não adianta o serviço
de meteorologia
esconder a verdade,
que os fatos
derrubam argumentos.

Quem vive esses
momentos,
em que faltam partículas
de água no ar,
em que a garganta seca,
sabe da seca Brasília.

Uma seca que (infelizmente) não
cala políticos.

Que (infelizmente) não seca
os perdigotos
dos políticos.

Os Super-Homens

Se eu fosse fazer
tudo o que
esses caras
pregam nas
eleições,
minha vida seria,
no mínimo,
plena.

O duro é que
a vida não é
palanque,
nem programa
eleitoral.

A vida é
eleitoreira.

Então, minhas
ações são,
diante das
promessas dos
caras,

mediócras.

Contento-me

com a

sobrevivência,

fecho os

ouvidos

para os

super-homens.

O Poema Obtuso

Era um poema assim,
daqueles meio obtusos,
em que tudo parecia
claro,
mas uma clareza
de luz de vela.

Com um poema assim,
tão pouco iluminado,
preferi guardar
dentro de mim.

Então o engoli de novo,
esperando o momento
oportuno,
de regurgitar versos.

TV por Assinatura

A maior invenção
do homem
moderno,
são as TV por
assinatura.

Somente graças
a elas, eu
consigo me
livrar dos
programas
eleitorais.

Minha Vida Caipira

Ainda que eu quisesse,
aparentasse,
não haveria como
disfarçar
minha vida de
caipira.

De manhã moda de viola,
de dia um tanto
de “uais”.

À noite, sonhos
mineiros,
dia seguinte
tem mais.

Desencontro

Negócio seguinte:

eu lhe dou um motivo

pra gostar de mim,

cê me dá mil razões

pra não fingir.

Então fica assim:

Nem você me telefona,

nem eu lhe telegrafo.

Escrever, quem sabe?

Cronologia

Aos 10 anos, eu era
apenas um
mineirinho
calça-curta.

Aos 15, tinha
uma voz
de taquara rachada
e fumava escondido.

Aos 20, estudava
engenharia.

Aos 30, já morava
em Brasília.

Aos 40, era um
estressado.

Hoje, de tudo que
restou,
há a eterna
esperança,
que já não é
mais verde,

nem tão firme,

apenas

furta-cor.

Amor Cibernético

Eu sou uma espécie
de “hacker”
insaciável.

Quero brincar com você,
criando jogos,
nós dois num
“site” paradisíaco.

Eu pirateio você,
você se entrega,
eu crio um

“software” chamado
“Nós Dois”.

Depois, é tudo assim:
só “bits” e “bytes”.

Reflexão

É legal refletir sobre o nada.
Há apenas um cenário vazio,
um palco esfarrapado,
e o mundo inteiro, translúcido.
Então a gente pensa na vida
fluorescente,
e enxerga horizontes
incolores.

Mineiro Cansado

Eu sentado na porteira,
mastigando um
capinzinho,
vendo os passarinhos
e nuvens assombreadas.
De tudo o que logrei ver,
só pude exclamar “uai!”.
Eu era assim mesmo,
mineiro de porteira,
esperando, esperando.
Enquanto isso,
passarinho voava,
voava.

Desdita

Desdigo tudo,

introspecto.

Desdeixo,

desmando,

desafeto.

Paro tudo.

Desinfeto.

Conflito

Apesar do
céu nublado,
da alegria
do dia “down”,
meu momento
não é dos mais
nobres.
Me sinto, assim,
meio cansado
desse dia,
meio “clown”.

Questões Cruciais

Por que não sorrir
se estamos aqui
por obra divina?

Será que há motivos
para os medos ocultos
de cada esquina?

Por que não sorrir
se estamos aqui
pelas mãos de Deus?

Será que há motivos
para os ódios e insultos
dos fariseus?

Caleidoscópico

Sou figura
fragmentada
que se recompõe
de vez em quando.

Nunca porém
sou igual
ao que era antes.

Sou cada fragmento,
parte
de um novo
momento.

De vez em quando
sou eu mesmo,
mas só
de vez em quando.

Meu Dia de Refém

Hoje foi meu dia
de padecer como
refém.

Um dia quente
e normal,
e eu numa
fila enorme,
da Caixa Econômica
Federal.

“Insight”

Foi quando abri
a janela e
encarei a
vida.

Senti-me meio
vago, vazio,
mas cheio de mim.

Então respirei fundo
e, comigo em mim,
fechei a janela.